

Leonardo Tadeu dos Santos

# Narrativas musicais e a cidade

## Resumo

*O objetivo deste artigo é analisar a ressignificação do discurso do novo álbum Ainda há tempo do cantor Criolo, que contém músicas reescritas pelo artista, a fim de se compreender como que a música pode ser um meio de ressignificação e como a cidade é discursivamente re(construída). Como arcabouço teórico, utilizo a perspectiva discursiva e espacial de Oliveira (2008). Como metodologia, utilizo a análise de conteúdo proposto por Bardin (2009). Este trabalho contribui para reflexões sobre a relação entre narrativas musicais e os estudos sobre cidades e as relações com a prática organizativa de ressignificar. Entendendo o espaço como discursivamente construído e partindo do pressuposto de que os indivíduos não estão passíveis no tempo e no espaço, os resultados apontam para a possibilidade de se pensar ressignificação por meio de narrativas musicais. Sejam esses novos significados atribuídos a pessoas, grupos, organizações de pequeno porte e até mesmo a cidades.*

Cidades

Ressignificação

Música

Estudos Organizacionais

## Abstract

*The aim of this study is to analyze the resignification of the speech of the new Crioulo's album 'Ainda há tempo', which contains songs that were rewritten by the artist, in order to understand how music can be a way of resignification and how the city is discursively re (build). As theoretical, I use the discursive and spatial perspective of Oliveira (2008). In the methodology, I use the content analysis proposed by Bardin (2009). This study contributes to reflections among the relationship between musical narratives and the studies about cities and relations with the organizational practice of resigning. Understanding the space as something discursively constructed and assuming that individuals are not subject in time and space, the results point to the possibility of thinking about resignification through musical narratives; being these new meanings attribute to people, groups, small organizations or even cities.*

Cities

Resignification

Music

Organizational studies

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a resignificação do discurso do novo álbum *Ainda há tempo* do cantor Criolo, que contém músicas reescritas pelo artista, a fim de se compreender de que forma a música pode ser um meio de resignificação e como a cidade é discursivamente re(construída). Como arcabouço teórico, utilizo a perspectiva discursiva e espacial de Oliveira (2008), compreendendo a produção do lugar e da cidade por meio do discurso.

Analisar o discurso das músicas do novo álbum é relevante visto que as narrativas musicais, viralizadas pela internet e pelas mídias, são uma forma de ocupar o imaginário das pessoas e de construir e direcionar visões de mundo. Dessa forma, este estudo pode contribuir para o melhor entendimento da cidade a partir de narrativas musicais.

As práticas organizativas de resignificação, segundo Barreira (2003), conferem novos significados a partir da reação de agentes sociourbanos aos movimentos e as tendências globais, seja em conflito ou cooperação. Assim, busca-se, neste estudo, evidenciar como que a música e as narrativas musicais contribuem para a resignificação de espaços, pessoas e grupos dentro da cidade.

O álbum *Ainda há tempo* é a reedição do primeiro álbum do cantor Criolo, lançado há 10 anos. O álbum é composto por 9 faixas reescritas, em vez das 22 faixas do primeiro álbum, sendo que sua duração diminuiu de 1 hora e 9 minutos para apenas 33 minutos. Segundo o próprio cantor, em entrevista para a *Revista Trip*, esse resultado foi uma espécie de filtragem dos melhores momentos e da correção de diversos trechos machistas e transfóbicos.

A metodologia usada para a análise das músicas e da entrevista foi a análise do conteúdo proposta por Bardin (2009). Foram analisados os trechos reescritos pelo artista e uma entrevista em que o autor expõe um pouco da sua intenção ao realizar esse trabalho. Dessa forma, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: 1) esta introdução; 2) uma breve discussão sobre a relação entre resignificação, narrativas musicais e a cidade; 3) aspectos metodológicos; 4) resultados e discussão; 5) as considerações finais.

## RESSIGNIFICAÇÃO, NARRATIVAS MUSICAIS E A CIDADE

A cidade como objeto de estudo da Administração, tradicionalmente, é acompanhada de uma visão funcionalista. Entretanto, a Administração Geral e, em especial, os Estudos Organizacionais têm cada vez mais reconhecido a importância do conhecimento

sobre os centros urbanos numa perspectiva subjetiva. Segundo Fischer (1996), pesquisas sobre a cidade podem contribuir para achados importantes sobre organizações complexas, temática de relevância nos estudos contemporâneos mais densos sobre arranjos organizacionais.

Dito isso, Barreira (2003) chama a atenção para a prática organizativa de resignificar na cidade que confere novos significados a partir da reação de agentes sociourbanos aos movimentos e as tendências globais, seja em conflito ou cooperação. É oportuno saber a razão pela qual os significados mudam, seja pela transformação da sociedade, dos discursos compartilhados, mudança de interesses ou rompimento de instituições, ou seja pela materialização do espaço físico e simbólico. Assim como na prática de representação, resignificar o espaço urbano pelos diferentes agentes pode envolver o emprego de imagens-síntese, assim como a operacionalização das demais práticas de planejamento, organização, controle, resistência e recuperação do/no espaço, as quais pressupõem novas formas de pensar e agir sobre a cidade (VIEGAS; SARAIVA, 2015).

Diante da riqueza e das várias interpretações das práticas organizativas de resignificar, neste estudo o conceito será entendido como o ato de dar outro significado a um espaço, a um grupo, a uma narrativa e até mesmo a apropriação desses elementos para outras finalidades.

Nesse sentido, é necessário enxergar a resignificação de modo amplo e que pode ser concretizada de diversas maneiras. A literatura sobre cidades tem discutido muitas maneiras de resignificação, seja pela fotografia (KOURY, 2004; POSSAMAI, 2007; KUSCHNIR, 2011), seja pelo interesse do capital (TEIXEIRA; CARRIEIRI; PEIXOTO, 2015; COIMBRA; SARAIVA, 2014; PERDIGÃO; CARRIERI; SARAIVA, 2014) e até mesmo por grupos sociais (CARMAN, 2010; FELDMAN – BIANCO, 2009; HONORATO; SARAIVA, 2016). Entretanto, existem poucas análises na perspectiva de narrativas musicais, como propõe deste estudo.

O presente trabalho busca evidenciar, a partir de narrativas musicais, a possibilidade de resignificar a cidade por meio do discurso. Entretanto, para abordar a resignificação no de cidades é necessário discutir a relação entre os territórios e o discurso.

O homem está intimamente ligado ao território em que habita e, por meio, de práticas sociais e culturais é criada uma relação de posse e um sentimento de pertencimento com um determinado local. Segundo Oliveira (2008), ao se ocupar, o próprio homem se localiza, ganha seu lugar. Ao providenciar, ao apontar, ao ter simplesmente algo à mão, o próprio homem habita essa cadeia de relações que é o mun-

do. Chamemos essa cadeia de uma articulação. Chamemos essa articulação de um discurso. Chegamos então à ideia de que o próprio espaço do mundo é um discurso.

Se partimos desse pressuposto, e entendermos o mundo como discurso, podemos entender que a construção do discurso e da cidade se dá de forma conjunta e intimamente entrelaçada. Dito isso, esse estudo propõe o entendimento da cidade a partir do discurso. Paraphrasing Oliveira (2008), a cidade do homem é o discurso e o discurso do homem é a cidade. Ora, se a música e as narrativas musicais são formas de expressar e comunicar, são também formas de (des)construção das cidades.

A cidade, nesse sentido, se constitui discursivamente, no espaço da fala: é espaço discursivo, é discurso espacial. Só com o discurso há a cidade, e só como falante na cidade o homem é político (OLIVEIRA, 2008). É importante ressaltar que, se entendemos a cidade como discurso, a construção e a reconstrução da cidade se dão por meio da ressignificação e apenas são possíveis porque os indivíduos não são passivos no tempo e no espaço.

Ainda nesse raciocínio, vale ressaltar que a música é uma forma de linguagem e de expressão. Dessa maneira, segundo Schroeder e Schroeder (2011) a música é uma forma de se apropriar de uma linguagem, um modo de se expressar, de se comunicar e de compartilhar sentidos.

Entendendo a música e as narrativas musicais como formas de discurso e de construção de um mundo, fica claro que a música é um elemento constitutivo das cidades. A música tem a qualidade de expressar sentidos, significados e até mesmo de ressignificar situações, espaços e sentimentos. Assim, é necessário sublinhar que a música está inserida num contexto e, segundo Schroeder e Schroeder (2011), os sentidos e os valores são apenas sempre contextuais e levam em conta não apenas a materialidade sonora em si, mas também o contexto situacional. Dessa forma, uma mesma música pode ter vários significados.

Considero, então, a influência que as narrativas musicais exercem sobre as pessoas. O que analiso aqui pode ser situado como uma prática organizativa da cidade, que, por meio de suas características, tem o poder de moldar o formato das relações que são estabelecidas dentro do espaço urbano.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

Por meio do levantamento de bibliografias pertinentes, foi construído um arcabouço teórico, no intuito de situar as produções relativas à temática trabalha-

da. A partir do referencial teórico, recorreu-se à pesquisa documental em busca das letras das músicas do álbum *Ainda há tempo* do artista Criolo, bem como às entrevistas do artista sobre o trabalho.

Esse álbum foi escolhido porque ele foi reescrito e ressignificado pelo artista, e o objetivo deste estudo é investigar como as narrativas musicais podem ressignificar a cidade. Para tanto, analisou-se trechos de três canções reescritas e em uma entrevista do artista veiculada na *Revista Trip*.

A obtenção das letras das músicas foram realizadas no site especializado em músicas *Vagalume* ([www.vagalume.com.br](http://www.vagalume.com.br)). A entrevista analisada foi coletada na *Revista Trip* ([revistatrip.uol.com.br](http://revistatrip.uol.com.br)). O critério de seleção das músicas se baseou na busca por aquelas que foram ressignificadas; e o critério para seleção da entrevista analisada foi a busca por aquelas nas quais o artista se refere ao novo álbum *Ainda há tempo*.

No intuito de analisar as narrativas musicais que foram ressignificadas, o entendimento do discurso musical como fonte de dados se torna essencial. Segundo (BOJE; OSWICK; FORD, 2004), os conteúdos presentes nos discursos podem ser entendidos como verdadeiras fontes de dados para pesquisas, pois é possível captar quem usa a linguagem, a maneira em que é usada, por qual motivo e quando, revelando características sociais e históricas.

Entendendo o conceito e a importância dos discursos aqui trabalhados, a abordagem metodológica utilizada foi a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2009). Destacando que a análise aqui pretendida entende que o conteúdo musical não é neutro ideologicamente e está situado socialmente no tempo e no espaço (BRANDÃO, 2002).

Conforme sugerido por Bardin (2009), a primeira leitura das músicas fez com que o pesquisador levantasse algumas hipóteses. Em seguida, foi realizado uma análise dos temas, sentidos, percursos semânticos estruturados, do contexto social em que foi produzido, dos discursos e suas características presentes nas músicas e do uso de expressões transfóbicas e machistas. As categorias analisadas foram divididas pelas músicas.

## AINDA HÁ TEMPO

O presente trabalho se propôs a apresentar um estudo sobre a ressignificação do álbum *Ainda há tempo* reescrito e lançado em 6 de maio de 2016, apontando como que as narrativas musicais constroem, dão significados e ressignificados à cidade.

O primeiro álbum nomeado *Ainda há tempo* foi lançado pelo cantor Criolo em 2006. Contando com

apenas 500 cópias, o álbum é mais conhecido do que escutado. Na época, devido, ao fato de ser pouco conhecido e à baixa tiragem, o álbum teve suas repercussões limitadas.

Dez anos depois, o artista lançou o então conhecido álbum *Ainda há tempo* com algumas mudanças estruturais. A nova versão é bem menor e em vez das 22 faixas originais, agora são apenas nove músicas. O novo álbum conta com apenas 33 minutos, sendo que o primeiro contava com 1 hora e 9 minutos. Em entrevista à *Revista Trip*, Criolo resalta que a versão reescrita é uma espécie de “melhores momentos” e de correções de passagens machistas, transfóbicas e preconceituosas.

Considerando-se a discussão apresentada acima, a pesquisa sobre as narrativas musicais e a cidade identificou que, por meio de músicas, é possível dar significados a um espaço e, conseqüentemente, significar e resignificar uma cidade. Assim, nesta parte, mostramos três trechos de músicas reescritas, concomitantes com trechos de uma entrevista realizada com o artista publicada em uma revista.

## MÚSICA: VASILHAME

A música intitulada “Vasilhame” sofreu alteração em um trecho, no qual o cantor retira palavras de caráter transfóbico. Observe o trecho original e reescrito abaixo:

*Mas eu nunca mais quero essa vida para mim  
Eu ouvi falar que os maluco quer entornar  
Enxugar o caneco para depois uh uh abh  
Os traveco tá aí ohh, alguém vai se iludir*

*Mas eu nunca mais quero essa vida para mim  
Eu ouvi falar que os maluco quer entornar  
Enxugar o caneco para depois uh uh abh  
O universo tá aí, ohh, alguém vai se iludir*

Analisando o trecho, é possível inferir que o artista se referia a uma situação em que homens alcoolizados poderiam se relacionar, acidentalmente, com alguma travesti. A leitura permite inferir que se relacionar com alguma travesti é considerado um ato vexatório e que causa certo repúdio. Ou seja, nesse sentido, percebe-se o caráter transfóbico incrustado nos versos da canção.

No que tange ao uso do artigo masculino no plural “os” se referindo às travestis, mostra que não foi respeitada a identidade de gênero. O uso de artigos masculinos nesse caso denota um não reconhecimento e de baixa legitimidade do seu gênero.

Para além do uso inadequado dos artigos defini-

dos, o compositor usa o sufixo “eco” no final da palavra “travesti”. No idioma português, a terminação “eco” traz a conotação de algo pequeno, sem valor e até mesmo de desconsideração. Dessa forma, o uso da palavra “traveco” revela a desconsideração e o não reconhecimento das travestis.

Os trechos grifados mostram a principal mudança na música “Vasilhame”, que é a mudança da expressão “traveco” pela palavra “universo”, mostrando a resignificação e a preocupação do artista em abolir expressões transfóbicas de suas músicas.

Ao usar a palavra “universo”, a interpretação do trecho musical é totalmente resignificado e remodelado. Agora é possível inferir que o compositor não quer mais “essa vida para ele”, vida essa regada a álcool; e que o universo está aí e ele não quer se enveredar por essas ilusões.

De certa forma, a mutação desse trecho e o fato de que o Criolo vinha suprimindo esses versos durante os shows evidenciam as mudanças de visão de mundo que o artista vem sofrendo. Em uma entrevista à *Revista Trip* sobre a retirada da expressão “traveco”, o artista resalta:

Era ignorância minha, né? Por falta de conhecimento da minha parte, usei em algumas músicas esses jargões populares, alguns apelidos e palavras que não fazem sentido algum e só magoam as pessoas. Eu mesmo me magoei com isso depois que refleti. Na época nem me tocava, mesmo sendo preocupado com várias questões sociais. Agradeço por ter tido a oportunidade de me rever e corrigir isso com a regravação, nos shows eu já cantava a nova versão há três anos.

Ainda sobre as mudanças feitas, Criolo resalta: “O conhecimento traz luz. Não foi só essa modificação que fiz nas letras. Revi tudo e mudei aquilo que não tinha necessidade de ficar. Não tenho problemas em dizer que errei.”

Portanto, na música “Vasilhame”, que assevera uma mensagem contra o uso descontrolado de bebidas alcóolicas, é retirada a expressão pejorativa em relação às travestis.

## MÚSICA: SUBIRUSDOISTIOZIN

A música intitulada “Subirusdoistiozin” sofreu alteração em um trecho, no qual o cantor retira palavras de sentido machista. Observe o trecho original e reescrito abaixo:

*As crianças daqui tão de HK, leva no sarau,  
Salva essa alma aí  
Os perreco vêm, os perreco vão, as vadias quer.*

Mas nunca vão subir

Licença aqui, patrão, eu cresci no mundão,  
Onde o filho chora e a mãe não vê  
E covarde são quem tem tudo de bom,  
E fornece o mal, para a favela morrer

As crianças daqui tão de HK, leva no sarau,  
Salva essa alma aí  
Os perreco vêm, os perreco vão, as vazias quer.  
Mas nunca vão subir  
Licença aqui patrão, eu cresci no mundão,  
Onde o filho chora e a mãe não vê  
E covarde são, quem tem tudo de bom,  
E fornece o mal, para a favela morrer

Analisando o trecho é possível inferir que o artista usava a palavra “vadia” de maneira pejorativa, entendida como mulher que possui pouco valor legitimado pela sociedade. A palavra “vadia” de cunho negativo socialmente tem sido objeto de disputa conceitual. Atualmente, movimentos feministas têm se apropriado do termo “vadia” como mulheres que resistem à lógica patriarcal e que, a partir disso, vestem as roupas que querem, portam-se de maneira que julgam melhor e por isso são socialmente consideradas “vadias”.

A substituição da palavra “vadia” por “vazias” ressignifica e dá outra conotação para a música. Antes, referia-se com desprezo às mulheres e realimentava a lógica machista que ocupa a sociedade. Atualmente, a música versa sobre pessoas vazias no sentido amplo. A letra diz que pessoas vazias não vão subir, não vão alcançar sucesso. O novo sentido busca atender a pedidos de fãs, segundo o próprio artista disse a uma entrevista à *Revista Trip*, quando questionado sobre a mudança da palavra “vadia”:

Vi o quanto era contundente “as vadias quer mas nunca vão subir” quando uma jovem que estava em um show me perguntou muito educadamente “Criolo, tem como você mudar isso?”. Ela foi de uma humildade. Não me agrediu, me educou. Nisso, conversei com amigas que são líderes de movimento feministas e elas me ajudaram a trocar pela palavra “vazia”, as pessoas vazias, as que não têm algo positivo em seu coração. Me deu uma luz. Não custa nada educar, estamos aqui pra aprender também.

É importante destacar que a mudança realizada busca uma reafirmação do artista e do seu público para com as mulheres, sendo que as mídias atualmente têm buscado a desconstrução de práticas machistas e contrárias à lógica patriarcal (MATOS, 2008).

**MÚSICA: BREACÓ**

A música intitulada “Breacó” sofreu alteração em um trecho, no qual o cantor retira palavras de sentido machista. Observe o trecho original e reescrito abaixo:

*Se a mina vem, os irmão colá. Se a ideia é firmeza, elas não vão embaça. E se o demônio usa saia, valorize sua mina. Não é bem de vadia que estraga a família.*

*Se a mina vem, os irmão colá. Se a ideia é firmeza, até pode constá. E se o demônio dá saia, valorize sua mina. Não é mente vazia que estraga a família.*

Analisando o trecho, é possível inferir que o artista reformulou boa parte dele, sendo todas as mudanças relacionadas à ressignificação de expressões machistas.

O trecho “elas não vão embaça” se refere a comportamento de mulheres que atrapalham o planejado, que não ocorre da melhor maneira, ou melhor dizendo: refere-se a comportamentos que não “embaçam” o planejamento. Esse trecho foi substituído pelo “até pode constá”, que agora dá um outro significado: se a ideia é firmeza, até pode constá; ou seja, se a ideia é boa pode ser até que logre sucesso na sua execução.

Na parte em que o artista se refere “e se o demônio usa saia, valorize sua mina” é perceptível a relação estabelecida das mulheres com algo diabólico e infernal. Esse caráter diabólico pode estar associado ao senso comum de que mulheres são eufóricas, desequilibradas e por isso levam adjetivos demoníacos. Na reescrita dessa parte, Criolo buscou a retirada dessa conotação negativa relacionada às mulheres e firmou a nova versão da seguinte maneira: “e se o demônio dá saia, valorize sua mina.”

Outra análise interessante do trecho é o uso da frase: “valorize sua mina.” O valorizar, nesse sentido, não é entendido como o empoderamento e nem como o respeito da mulher como tal. O “valorizar” dentro do contexto machista é entendido de uma forma tal que as mulheres devem ser tratadas como seres mais frágeis, dóceis e que apresentam uma feminilidade marcada pelos padrões impostos pelo patriarcado.

Na última frase, o autor lança mão do mesmo recurso de que usou na canção “Vasilhame”. A substituição e ressignificação da palavra “vadia” demonstram a preocupação com a abolição de palavras que denigrem a imagem da mulher e que reforçam práticas

machistas. Dessa forma a frase “não é bem de vadia que estraga a família” foi reescrita para “não é mente vazia que estraga a família”.

## ASPECTOS GERAIS DO NOVO ÁLBUM AINDA HÁ TEMPO

O álbum *Ainda há tempo* conta com diversas outras críticas sociais. O artista busca, não só por meio da ressignificação, trazer à tona temáticas que a arte não costuma abordar. Para além de questões relacionadas ao machismo e à transfobia, é possível encontrar críticas relacionadas a tragédias ambientais e ao cotidiano nas favelas.

A música “Chuva ácida” de 2006, e revitalizada por Sala 70, traz fortes críticas sobre questão ambiental e a sua centralidade na atualidade. A música conta com significados que fazem menção ao desastre que ocorreu na cidade mineira de Mariana em novembro de 2015, que afetou um dos principais rios brasileiros, o rio Doce.

A música “Tò pra ver” de 2006, reciclada pelo *rapper* Rael, mostra o papel do rap no cotidiano das pessoas e como esse estilo musical pode dar novos sentidos a becos, vielas e favelas.

As músicas que compõem esse álbum contêm duras críticas à sociedade. Quando perguntado sobre a dureza do conteúdo das músicas e a sua relação delas com a realidade, na entrevista à *Revista Trip*, o artista ressalta que “são coisas que estão presentes, latentes e pulsantes. Ainda é um país extremamente preconceituoso, xenófobo, racista e machista.”

Esse trecho da entrevista revela a importância da contextualidade e do discurso produzido. Como já discutido, Schroeder e Schroeder (2011) asseveram que a produção do discurso e do discurso musical sofre fortes influências do contexto e dos indivíduos que os produzem.

Quando questionado sobre a intenção política do relançamento do álbum o cantor é direto:

“Tudo aquilo que é pra construir algo, naturalmente, é político. Nós somos seres políticos. Não podemos confundir o ser político com o momento político e a politicagem. A partir do momento que somos seres que nos comunicamos e nos expressamos e através disso temos construções, essa política já está sendo feita. No dia a dia, na vivência. Quero dedicar a todos os secundaristas e professores, que estão lá no Rio de Janeiro, no Ceará, em São Paulo e em vários lugares do Brasil. Valorização imediata, respeito agora para o nosso professor e nossos alunos!”

A resposta do artista revela o caráter e a intenção política desse trabalho ao ressignificar, dar espaço e voz a pessoas, grupos e lugares que foram silenciados historicamente. Desta forma, o discurso é político e auxilia a construção do espaço (OLIVEIRA, 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a pesquisar e analisar a ressignificação do discurso do novo álbum *Ainda há tempo* do cantor Criolo. Foram analisados três trechos de músicas reescritas pelo artista e fragmentos de uma entrevista cedida pelo cantor à *Revista Trip*.

As análises realizadas permitem inferir que os discursos sofrem influência no tempo e no espaço, e que as contingências moldam a produção discursiva sobre as pessoas e o espaço em que estão inseridas, mostrando as mudanças na produção do artista no espaço de tempo de dez anos. Partindo do pressuposto de que o mundo e os espaços são construídos pelo discurso (OLIVEIRA, 2008), buscou-se mostrar, por meio da análise de conteúdo, que narrativas musicais podem ressignificar o espaço urbano.

Como asseveram Brent (2011) e Dosse (2004), a mídia e as expressões culturais podem criar e disseminar significados que constroem e reconstróem o que é uma determinada cidade, como nela se vive e a sua lógica de funcionamento. Entretanto, Bernard Lahire (2002) nos chama a atenção para o fato de que nenhuma teoria permite o acesso às práticas reais e apenas versão. Dessa forma, faz-se necessário destacar que as ressignificações aqui trabalhadas mostram apenas versões possíveis de um fenômeno muito maior.

É importante ressaltar que a reescrita e a ressignificação do álbum *Ainda há tempo* pode ser entendida como uma estratégia de marketing, no intuito de politizar e expandir seu mercado consumidor. Entretanto, mesmo diante dessa possibilidade, a ressignificação e o reconhecimento do espaço de pessoas e grupos sociais marginalizados são um avanço social e se fazem importantes.

O estudo apresentou limitações, tais como: análise de poucos trechos reescritos, pouca literatura sobre narrativas musicais e sua relação com espaços e territórios, e o uso de documentos secundários, que podem ter sofrido modificações anteriores. Como sugestão para estudos futuros, sugiro a realização de mais estudos empíricos sobre a relação de narrativas musicais e as cidades.

Portanto, o trabalho contribuiu para os estudos sobre cidade e as dinâmicas que se instauram dentro do espaço urbano. O estudo também contribuiu com a proposta de analisar e discorrer sobre as cidades sob

uma perspectiva pouca estudada: as narrativas musicais e as cidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BARREIRA, I. A. F. “A cidade no fluxo do tempo: Invenção do passado e patrimônio”. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, n.9, p.314-339, jan. /jul. 2003.
- BOJE, D. M.; OSWICK, C.; FORD, J. D. “Language and organization: the doing of discourse”. **Academy of Management Review**, v.29, n.4, p. 571-577, 2004.
- BRENT, G. R. “Escolhas sistêmicas de transitividade de léxico na representação de escândalos políticos: a construção de realidades de crise e de corrupção”. 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CARMAN, M. “¿La clase social entre parêntesis? El caso de la aldea gay em Buenos Aires”. **Katálysis**, Florianópolis, v.13, n.1, p.49-58, jan./jun.2010.
- COIMBRA, K. E. R.; SARAIVA, L. A. S. “Confrontos entre o espaço produzido e o espaço vivido em Belo Horizonte: um estudo sobre o Quarteirão do Soul”. **Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v.14, m.37, p.28-52, out./dez.2014.
- DOSSE, F. “O espaço habitado segundo Michel de Certeau”. **ArtCultura**, n. 9, jul./dez. 2004.
- FELDMAN-BIANCO, B. “Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.31, p.19-50, jan./jun.2009.
- HONORATO, B. E. F.; SARAIVA, L. A. S. “Cidade, população de rua e estudos organizacionais”. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, ano 14, n.36, p. 158-186, out./dez.2016.
- KOURY, M. G. P. “Fotografia e interdito”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.19, n.54, p.129-141, fev. 2004.
- KUSCHINIR, K. “Drawing the city: a proposal for an ethnographic study in Rio de Janeiro”. **Vibrant**, Brasília, v.8, n.2, p. 608-642, 2011.
- LAHIRE, B. “Reprodução ou prolongamentos críticos?” **Educação & Revista**. n. 78, p. 37-56. 2002.
- MATOS, Marlise. “Objetivos do Milênio e exclusões milenares: políticas sociais, minorias, desigualdades e teoria política feminista”. **Revista do Observatório do Milênio de Belo Horizonte**, Ano 1, n.1, p. 54-67, 2008c.
- OLIVEIRA, C. “Da ruína e da conservação do mundo: o mundo como espaço discursivo e como o discurso espacial”. **Kriterion**, Belo Horizonte, n.117, p.153-161, jun.2008.
- PERDIGÃO, D. A.; CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. “Das ruas para os shoppings populares: o empreendedorismo informal no discurso dos camelôs e da Prefeitura de Belo Horizonte”. **Perspectivas Contemporâneas**, Campo Mourão, v.9, n.1, p. 43-58, jan./jun. 2014.
- POSSAMAI, Z. R. “Narrativas fotográficas sobre a cidade”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n.53, p. 55-90, jan. /Jun. 2007.
- REVISTA TRIP, São Paulo. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/trip/criolo-fala-sobre-re-lancamento-de-ainda-ha-tempo-dez-anos-depois>> Acesso em: 17 mai. 2017.
- SCHROEDER, S. C. N.; SCHROEDER, J. L. “As crianças pequenas e seus processos de apropriação da música”. **Revista da Abem**, Londrina, v. 19, n. 26, p. 105-118, mar. 2011.
- SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. “O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método”. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.
- TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P.; PEIXOTO, T. C. “O cotidiano da cidade de Belo Horizonte na revista Veja BH: a classe média alta, a cidade poderosa e os dilemas do planejado versus o vivido”. **Gestão & Conexões**, Vitória, v. 4, n. 2, p. 7-39, jul./dez. 2015.
- VIEGAS, G. C. F. S.; SARAIVA, L. A. S. “Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte”. RAM, **Revista de Administração Mackenzie**. 2015. ■

**Leonardo Tadeu dos Santos** é mestrando em administração no centro de pós graduação e pesquisa em administração da Universidade Federal de Minas gerais (CEPEAD/UFMG).  
leonardotadeu17@gmail.com